

Auditoria pública

Rivaldo Targino da Costa

Escritor

O Serviço Público foi criado para servir ao cidadão, que paga as taxas, os impostos e as contribuições de melhoria. A receita arrecadada permite funcionar a Máquina Administrativa. Ao cidadão cabe fiscalizá-la; ao servidor, servi-lo.

Na organicidade operacional desta interação, está um homem solitário, um escravo das leis e das normas jurídicas, sacrificando suas noites de sono e seus raros momentos de lazer, zelando pelos objetivos sociais e coletivos. Ainda que anonimamente sofrendo com isso, sente-se feliz por ter feito sua parte e cumprido sua obrigação.

Do outro lado, em algum lugar, terá contribuído para que haja mais dinheiro para atender à população carente - um bebê que nasce no leito de uma calçada; um senhor que reza pelos trocados de sua aposentadoria; uma criança que deseja estudar; um servidor, que como você, quer receber os salários em dia e sem atraso, para pagar o aluguel do kitnet, a luz, a água, a padaria, a escola dos filhos, a prestação da geladeira, o plano de saúde, manter em dia as contas diversas e ainda, sob o céu de um domingo de verão, pegar um bronzeador na praia de Tambaú, tomar uma cervejinha, ouvir walkman, beliscar espetinho de churrasco e espiar, por baixo do chapéu de palha, aquela moreninha de silhueta divinamente angelical, que desfila beira-mar afora quase toda descalça. Parece pouco, mas o que é viver senão participar das pequenas coisas da vida?

Todavia, não nos esqueçamos que, nas ruas da cidade, uma prostituta roga a Deus para arrumar um otário que lhe possa pagar um lanche; na periferia, um menino precisa de um cobertor com que possa aquecer e descansar o cor-

po esqualido, frígido e subnutrido. Na parada de ônibus, sempre há um velhinho abandonado, mendigando uma esmola e apenas cinco centavos lhe tiram um sorriso sincero. Na esquina próxima, quem sabe o que tem - um caixão de lixo podrido, uma lata de cola queimada ou uma arma de verdade? Com sorte, apenas o poste com a lâmpada quebrada.

Com mais verbas, tudo isso poderia ser evitado, pois projetos sérios têm custo financeiro às vezes não correspondido pelos poucos recursos de um país pobre, embora heroicamente valente.

Então façamos um pacto, um esforço minúsculo. Vamos contribuir com o lucro social, economizando aqui, evitando desperdício acolá, denunciando falcaturias, pagando os impostos, fiscalizando a nós mesmos, uns aos outros, em prol de um ideal maior. No fi-

nal, todos, intimamente no fundo do coração, seremos úteis e não ficaremos a mercê do egoísmo, da inveja, da desonestidade, do corporativismo, da falta de razão e escassez de juízo.

Com as mãos na massa, podemos fazer um pão, construir um edifício, varrer uma avenida, preparar um bolo, fabricar um queijo, montar um computador, operar um avião, salvar uma vida ou realizar um sonho. O trabalho engrandece o espírito, dignifica a alma e sempre é importante. Vamos lutar juntos, façamos uma corrente cujos elos se interliguem por uma mecha de verdade, na certeza da união indistinta e independente de raça, cor, sexo, status social, título de nobreza, convicção política ou dotes econômicos.

Ser fiscalizado não é um mérito para ninguém, mas uma honra, principalmente para os

benfeitores, ativos e atentos aos deveres cívicos, morais, sociais e democráticos. Procurar eximir-se disso constitui prova cabal de que o rabo está preso a algum ato libidinoso, passível da punição aplicável.

E não entender estes princípios simples e trivialmente lógicos equivale a não reconhecer-se como cidadão ou pessoa responsável, consciente de que a todo direito corresponde um dever - o de respeitar justamente o direito dos outros.

Portanto, seja também um Auditor. Diante de um espelho, faça uma auditoria pública. Você não vai mudar o mundo, mas, honestamente falando, será um canalha a menos e assim adquirirá o direito de ingressar no reino dos céus e, sem precisar fazer concurso ou responder qualquer indagação, ser aprovado no seleto rol dos homens de bem.

